

## Síntese do Poema da Gratidão Divaldo Pereira Franco

E nesta hora truanesca  
Neste crepúsculo de milênio  
Quando as sombras se adensam e a revolta graça  
Nesta casa santuário, queremos dizer, Senhor!  
Enquanto lá fora há o aturdimento e o desequilíbrio  
Nós aqui queremos dizer-te que amamos a vida  
Que para nós é bela e é consentida

Muito obrigado Senhor!  
Pelo que me deste e pelo que me dás.  
Muito obrigado pelo ar, pelo pão, pela paz  
Muito obrigado pela beleza que meus olhos vem notar da natureza  
Olhos que fitam o céu, a terra e o mar  
Que acompanham a ave ligeira que corre fagueira pelo céu de anil, e se detém na terra verde  
salpicada de flores em tonalidades mil

Muito obrigado senhor porque eu posso ver meu amor  
Mas diante de minha visão  
Eu detecto cegos que tropeçam na escuridão  
Que andam na multidão  
E que choram na solidão  
Por eles eu oro e a ti eu imploro comiseração  
Porque eu sei  
Que depois dessa vida na outra vida eles também enxergarão

Muito obrigado pelos ouvidos meus  
Que me foram dados por Deus  
Ouvidos que ouvem o tamborilar da chuva no telheiro  
A melodia do vento nos ramos do salgueiro  
As lágrimas que vertem os olhos do mundo inteiro  
Ouvidos que ouvem a música do povo que desce do morro na praça a cantar  
A melodia dos imortais, que a gente houve uma vez e não esquece nunca mais  
A voz melodiosa, canora, melancólica do boiadeiro  
E a dor que geme e que chora no coração do mundo inteiro  
Pela minha faculdade de ouvir, pelos surdos eu te quero pedir  
Porque eu sei  
Que depois dessa dor, no teu reino de amor, voltarão a sentir

Muito obrigado pela minha voz  
Mas também pela sua voz  
A voz que canta  
Que alfabetiza, que ilumina  
Que solfeja uma canção  
Que legisla  
Pela voz, que emite a melodia de sua própria voz  
Mas diante de minha melodia  
Eu detecto na Terra os que sofrem de afazia  
Eles não cantam de noite eles não falam de dia  
Oro por eles  
Porque eu sei, que depois desta prova, na vida nova  
Eles cantarão

Obrigado pelas minhas mãos  
Mas também pelas mãos que aram  
Que semeiam  
Mãos que agasalham  
Mãos de ternura  
Mãos que libertam da amargura  
Mãos que apertam mãos  
Mãos dos adeuses  
De caridade e de solidariedade  
Mãos que escrevem poesias  
Mãos de cirurgia  
Mãos de sinfonia  
Mãos de psicografia  
Pelas mãos que atendem a velhice  
A dor  
O desamor  
Pelas mãos que no seio embalam o corpo de um filho alheio sem receio

E pelos pés que me levam a andar, sem reclamar  
Muito obrigado senhor, porque eu posso caminhar  
Mas diante do meu corpo perfeito  
Eu olho na Terra  
E encontro  
Paralisados, maltratados, amputados, marcados, deformados  
Eu oro por eles  
Porque eu sei, que depois desta expiação  
Na outra reencarnação  
Eles também bailarão

Obrigado por fim, pelo meu Lar  
É tão maravilhoso ter um lar  
Não é importante se esse Lar é uma mansão, ou uma favela, uma tapera, um ninho, um grabato de dor, um bangalô, Seja lá o que for  
Mas que dentro dele, exista a figura do amor  
O amor de mãe, ou de pai  
De mulher ou de marido  
De filho ou de irmão  
A presença de um amigo  
Alguém que nos de a mão  
Pelo menos a companhia de um cão  
Porque é muito doloroso viver na solidão  
Mas se eu a ninguém tiver para me amar  
Nem um teto para me agasalhar, ou uma cama para repousar  
Nem aí reclamarei  
Pelo contrário, eu cantarei  
Obrigado senhor porque eu nasci  
Muito obrigado porque eu creio em ti  
Pelo teu amor, obrigado senhor!

Texto Retirado do CD O Perdão de Cláudia.

